

POR QUE APRENDER INGLÊS NA ESCOLA? DO BRASIL A BOM JESUS-PI: COMPREENSÕES E APONTAMENTOS

Gabriela Santos Maia da Silva (bolsista do PIBIC_EM/CNPq), Brenda Arlinda Minozzo (bolsista do PIBIC_EM/CNPq), Beatriz Ferreira Pinto Andrade (bolsista do PIBIC_EM/CNPq), Maraisa Lopes (Orientadora, Campus Universitário Professora Cinobelina Elvas – UFPI)

1. Introdução

O domínio de um segundo idioma é algo que pode possibilitar uma melhor inserção em um mundo cada vez mais globalizado? Aprender um segundo idioma é uma necessidade premente para profissionais das mais variadas áreas? Qual é a fonte do sucesso para aprender uma LE? Muitas são as perguntas que poderíamos nos colocar com relação ao aprendizado de outros idiomas, muitas podem ser as ofertas fantasiosas de aprendizado em tempo recorde, mas o que fazer para aprender outra língua que não a nossa? E, ainda, por que aprender uma língua estrangeira? Estas são algumas das dúvidas que perpassam a mente de alunos e professores.

É nesse meandro, na relação com os questionamentos sobre o aprendizado de outros idiomas, que nos inserimos e demarcamos, de certo modo, nosso campo de interesse: o processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa (LI) – uma língua que tem se colocado como lugar comum, como um clichê, tamanho o seu avanço e expansão nos campos da economia, da ciência, da cultura e de certo modo, no campo da educação; uma língua que tem ocupado um papel de destaque no cenário mundial. Idioma da divulgação do conhecimento científico, da internet e língua franca das instituições internacionais, cuja difusão tem alcançado proporções inigualáveis na história das línguas.

2. Procedimento Metodológico

Ao iniciarmos este projeto, colocamo-nos frente a um objetivo geral: o de viabilizar um percurso teórico-analítico que permita compreensões e breves apontamentos acerca do processo de ensino-aprendizagem de LI, considerando as seguintes esferas: a do Ensino Básico Brasileiro, a do Ensino Básico no Estado do Piauí e a do Ensino Básico no Município de Bom Jesus, no qual realizaremos uma pesquisa de campo junto à escola com melhor índice de aproveitamento no ENEM 2009, o Colégio Agrícola de Bom Jesus (CABJ).

Assumindo uma posição qualitativa quanto ao processo de pesquisa, procedemos aos trabalhos de cunho teórico; discussões em grupo; formulação e aplicação dos instrumentos junto à comunidade em foco; tabulação, observação e análise dos dados; e, por fim, à redação de nossas considerações parciais.

3. Resultados e Discussão

Remontando à questão do ensino de LI no Brasil soubemos que, nos últimos tempos, notícias têm dado conta de que a formação deficiente de professores, em cursos de licenciatura sem qualidade, se expande pelo país e de que escassos são os programas de Educação continuada para os professores que já atuam no mercado de trabalho. Somando-se a isso, observamos a ausência de uma política nacional que coloque as práticas educativas em posição central junto às pautas de

discussões em busca de melhorias para o país, bem como viabilize condições para o seu desenvolvimento.

Se, em geral, a questão da Educação acaba sendo deixada em segundo plano, quando pensamos especificamente a área de LE, deparamo-nos com uma realidade ainda menos favorável. No Piauí, raros são os trabalhos desenvolvidos nesse âmbito, o que nos levou a assumir como fontes de dados as notícias publicadas acerca do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

Nacionalmente, vemos resultados recentes que apontam média de 4,6 para as séries iniciais do Ensino Fundamental, 4,0 para as últimas séries do Ensino Fundamental e 3,6 para o Ensino Médio (EM), no entanto, muito há de se trabalhar para que alcancemos os países desenvolvidos, que apresentam média 6,0. (INEP, s.d.)

Se observarmos os resultados piauienses isoladamente, deparamo-nos com médias 4,0, 3,8 e 3,0, respectivamente; dados que nos parecem revelar o quanto ainda há de ser feito para que a Educação Básica, no Piauí, atinja os níveis desejados. (INEP, s.d.)

Quando pensamos, mais especificamente, nos processos de ensino-aprendizagem por disciplinas, estudos sobre LI tornam-se quase que inexistentes em nosso Estado. Nesse ponto, passamos à apresentação das percepções e dos dados, ainda pouco esmiuçados, que obtivemos em nossos trabalhos.

Primeiramente, acreditamos ser necessário apresentar algumas informações acerca da escola por nós selecionada. A saber, o CABJ teve suas atividades iniciadas em 1982, com o curso técnico de agropecuária. Em 2006, iniciou-se um projeto de expansão, que possibilitou a melhoria da estrutura física da escola, bem como a oferta de novos cursos técnicos: Informática e Enfermagem.

Como nosso trabalho assume características qualitativas, acabamos por selecionar a modalidade aberta de questionários, pois esta viabiliza maior acesso às concepções dos participantes acerca dos tópicos abordados. Após realizarmos algumas leituras técnicas e discutirmos nossas idéias e dúvidas, propusemos quinze perguntas.

Antes de aplicá-las aos nossos sujeitos de pesquisa, encaminhamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os pais/responsáveis por esses alunos pudessem assiná-lo, autorizando a participação dos menores em nosso trabalho.

Obtivemos o aceite de 39 participantes, cerca de 13% dos alunos matriculados, para os quais entregamos uma cópia do questionário e solicitamos sua devolução em até 15 dias.

Encaminhando-nos para um primeiro movimento analítico junto aos dados obtidos, selecionamos algumas perguntas de nosso questionário, tabulamos as respostas obtidas, tecemos algumas considerações e sintetizamos informações em alguns gráficos, de modo a apresentar algumas de nossas compreensões.

Dessa forma, foi possível percebermos que respondendo à pergunta 'Você se identifica com o inglês? É uma língua que você realmente quer aprender?', nossos participantes afirmaram em sua maioria identificarem-se com a língua e terem desejo de aprendê-la, já que este aprendizado lhes ajudaria em sua vida social e profissional.

Buscando saber mais sobre esse 'identificar-se' e 'gostar' da LI, perguntamos a eles se gostavam das aulas e solicitamos que nos explicassem suas razões. 91% dos participantes disseram

gostar do idioma e apontaram como razão o conhecimento de algo novo, de uma nova língua, uma nova cultura; o acesso a um novo mundo.

A partir de nossas leituras, sabemos que, quando pensamos o ensino de línguas, faz-se necessária a abordagem das quatro habilidades básicas em sala de aula. O professor deve promover momentos de aprendizagem que trabalhem a fala, a escrita, a compreensão auditiva e a leitura. No entanto, quando indagados, nossos respondentes afirmaram que apenas as questões de escrita e leitura são alvo das práticas pedagógicas de seus professores.

Ainda com relação às habilidades, os alunos acreditam que explorar a parte oral seria uma ação que poderia ser realizada para melhorar a qualidade e relevância dos momentos dedicados ao processo de ensino-aprendizagem de inglês, pois saber uma língua consiste em muito mais que apenas lê-la ou escrevê-la. Talvez por essa percepção, quase 100% dos alunos tenha atribuído conceitos de carga negativa ao ensino de inglês nas escolas, salientando o fato de que muito ainda há de fazer para que o ensino de LE adquira qualidade na esfera da Educação Básica.

No entanto, para nossa surpresa, mesmo acreditando que a qualidade de ensino da LI esteja muito aquém do desejado, 79% dos alunos, quando questionados sobre a relevância da disciplina numa comparação com as demais, apontaram-na como de mesma relevância, atribuindo a ela, em sua maioria, notas entre 5 e 9, quando incitados a quantificar a importância da disciplina em sua formação.

Tocando mais uma vez a questão do ensino de LI nas escolas, indagamos nossos participantes quanto às possíveis causas da má compreensão da LI. Observamos que mais de 70% deles atribui essa problemática à falta de profissionais aptos ao ensino de LE.

Considerando o fato de que o inglês é importante para nossa inserção no mercado de trabalho, nossa atuação junto a uma sociedade globalizada como a atual, parece-nos ter sido possível notar que embora apontem que o ensino de LI nas escolas tenha performances abaixo do esperado, muitos são os alunos que buscam aperfeiçoar seu vocabulário, quer por meio de dicionários, de letras de músicas, de textos de seu interesse, quer por meio de filmes, da navegação na internet e até mesmo da participação em cursos extras de idioma.

4. Considerações Parciais

Observar o interesse dos alunos e sua consciência quanto às dificuldades relativas ao seu processo de ensino-aprendizagem de uma LE, fez-nos refletir acerca do quão importante é a proposição de mudanças quanto ao ensino na Educação Básica, o que demanda mais investimento e muito mais envolvimento na formação de profissionais capacitados, na elaboração de materiais didáticos que tenham relação com nossa realidade, com nossos interesses e necessidades e na percepção e reflexão sobre as práticas pedagógicas adotadas em sala de aula.

5. Referências

CELANI, A. A. Não há uma receita no ensino de Língua Estrangeira. *In: Revista Nova Escola*. São Paulo, Editora Abril, nº 222, pp. 40-44, mai.2009.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.